

**EU TENHO  
UM NOME**

**CHANEL  
MILLER**

tradução de Carolina Selvatici



# SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Introdução

Epígrafe

*Capítulo 1*

*Capítulo 2*

*Capítulo 3*

*Capítulo 4*

*Capítulo 5*

*Capítulo 6*

*Capítulo 7*

*Capítulo 8*

*Capítulo 9*

*Capítulo 10*

*Capítulo 11*

*Capítulo 12*

*Capítulo 13*

*Capítulo 14*

*Agradecimentos*

*Declaração de impacto da vítima Emily Doe*  
*Posfácio*

Sobre a autora

Sobre a capa

Leia também

*mamãe papai tiffy*



## INTRODUÇÃO

O fato de ter escrito *subpoena*, que significa intimação em inglês, como *suhpeena*, pode levá-lo a pensar que eu não seja a melhor pessoa para contar esta história. Mas todas as transcrições dos julgamentos estão disponíveis, todas as reportagens estão na internet. Esta não é a verdade absoluta, mas é a minha, contada da melhor maneira possível. Se você quer conhecer a versão que vi e ouvi, entender o que senti, saber como é se esconder no banheiro durante um julgamento, é isso o que vai encontrar aqui. Vou entregar o que posso, pegue o que precisar.

Em janeiro de 2015, aos vinte e dois anos, eu morava e trabalhava em minha cidade natal, Palo Alto, na Califórnia. Fui a uma festa em Stanford. Sofri um abuso sexual no jardim da casa, no chão. Dois passantes viram, detiveram o homem, me salvaram. Minha antiga vida me abandonou e uma nova começou. Ganhei outro nome para proteger minha identidade: me tornei Emily Doe.

Nesta história, chamarei o advogado de defesa de *a defesa*. O juiz, de *o juiz*. Eles estão apenas representando seus papéis. Este livro não é uma acusação pessoal, não é uma resposta, uma vingança, não estou revirando o caso. Acredito que todos somos seres multidimensionais e, no tribunal, me senti prejudicada ao ser simplificada, estereotipada, rotulada incorretamente e difamada, por isso não farei o mesmo com eles. Usarei o nome de Brock, mas poderia muito bem ser Brad, Brody ou Benson; não faria diferença. A questão aqui não é o que cada um deles representou, mas o coletivo, a combinação de pessoas que fomentam um sistema falho. Esta é uma tentativa de transformar a mágoa dentro de mim, de enfrentar o passado e de encontrar uma forma de conviver com essas memórias, de digerir tudo que aconteceu. Quero deixar as lembranças para trás para poder seguir em frente. Ao decidir não citar o nome deles, posso finalmente dizer o meu.

Meu nome é Chanel.

Eu sou uma vítima. Não tenho problemas com essa palavra, meu problema é me reduzir a isso. No entanto, não sou *a vítima de Brock Turner*. Não sou nada dele. Eu não pertencço a ele.

Também sou descendente de chineses. Meu nome em chinês é Zhang Xiao Xia, o que significa *Pequeno Verão*. Fui chamada assim porque:

Nasci em junho, quando é verão no Hemisfério Norte.

Xia também foi a primeira dinastia da China.

Eu sou a primogênita.

“Xia” soa como “cha”.

Chanel.

O FBI define estupro como qualquer tipo de penetração. Mas, na Califórnia, estupro é definido estritamente como o ato sexual. Por muito tempo, evitei chamá-lo de estuprador, com medo de me corrigirem. Definições legais importam. A minha também. Ele preencheu uma cavidade do meu corpo com as mãos. Acredito que não pode ser absolvido dessa categorização só porque não teve mais tempo.

O mais triste nesses casos, além do crime em si, são as coisas degradantes nas quais a vítima começa a acreditar sobre ela mesma. Minha esperança é mudar essas crenças. Eu digo *ela*, mas, se você for homem, transgênero, não binário, ou seja lá como queira se identificar e existir neste mundo, se sua vida tiver sido afetada pela violência sexual, meu objetivo é proteger você. E para aqueles que, todos os dias, me tiraram da escuridão, espero conseguir agradecer.

*Se você sabe seu nome, deve se apegar a ele, pois, a menos que seja registrado e lembrado, ele morrerá com você.*

— TONI MORRISON

*No início, eu era tão jovem e conhecia tão pouco de mim mesma que quase não existia. Tive que me abrir para o mundo, vê-lo, ouvi-lo e reagir a ele antes de saber quem eu era, o que eu era, o que eu queria ser.*

— MARY OLIVER, *UPSTREAM*

*... é nosso dever fazer a diferença.*

— ALEXANDER CHEE

## I.

Eu sou tímida. No ensino fundamental, em uma peça sobre um safári, todos interpretaram animais. Eu fui um arbusto. Nunca fiz uma pergunta nas aulas. Você com certeza vai me encontrar escondida em um canto de qualquer aula de ginástica. Peço desculpas quando esbarram em mim. Aceito todos os panfletos que distribuem na rua. Sempre levo o carrinho de compras de volta ao local de onde o tirei. Se, em um café, o leite do balcão acabar, bebo o café puro. Se eu dormir na sua casa, vai parecer que a cama nunca foi usada.

Nunca dei uma festa de aniversário. Visto três suéteres antes de pedir que liguem o aquecedor. Não me importo de perder em jogos de tabuleiro. Enfio o troco de qualquer jeito na bolsa para não atrapalhar a fila do caixa. Quando era pequena, queria me tornar mascote de torcida ao crescer, para ter a liberdade de dançar sem ninguém reparar em mim.

Fui a única aluna do ensino fundamental a ser eleita mediadora de conflitos por dois anos seguidos. Meu trabalho era usar um colete verde em todos os recreios e patrulhar o pátio. Se alguém estivesse com problema, era só me procurar, e eu ensinava técnicas de comunicação interpessoal, como *eu me sinto\_\_\_ quando você\_\_\_*. Certa vez, uma aluna do jardim de infância me abordou, disse que todo mundo tinha dez segundos no balanço, mas na vez dela as crianças contavam *um cão, dois cães, três cães* e, na vez dos meninos, contavam *um hipopótamo, dois hipopótamos*, para ficar mais tempo. Daquele dia em diante, decretei que todos contariam *um tigre, dois tigres*. Passei a vida toda contando em tigres.

Estou me apresentando aqui porque, na história que vou contar, começo sem nome nem identidade. Não há nenhum traço de personalidade ou comportamento atribuído a mim. Fui encontrada



como um corpo seminu, sozinho e inconsciente. Sem carteira, sem documento. Chamaram a polícia, acordaram o reitor de Stanford para ver se ele me reconhecia, interrogaram testemunhas. Ninguém sabia de onde eu era, de onde vinha, quem era.

Pelo que me lembro: no sábado, 17 de janeiro de 2015, eu estava na casa dos meus pais em Palo Alto. Minha irmã mais nova, Tiffany, que tinha acabado de entrar na Universidade Politécnica Estadual da Califórnia, ou Cal Poly, viajou três horas para passar o feriado em casa. Ela costumava ficar em casa com os amigos, mas, às vezes, dedicava um pouco do seu tempo a mim. No fim da tarde, nós duas buscamos a amiga dela, Julia, que estudava em Stanford, e fomos de carro até a Reserva Arastradero para ver o sol derramar sua luz amarelada nas colinas. Quando o céu escureceu, paramos em uma taquería. Tivemos um debate acalorado sobre onde os pombos dormem, nos perguntamos se é mais comum pessoas dobrarem o papel higiênico em quadrados (eu) ou simplesmente amassarem (Tiffany). Ela e Julia mencionaram que, naquela noite, iriam a uma festa na Kappa Alpha, no campus de Stanford. Eu, que estava enchendo um copinho de plástico com molho verde, não prestei muita atenção.

Mais tarde, meu pai cozinhou brócolis e quinoa, e quase caímos para trás quando ele apresentou o prato como *cui-noa*. *É qui-noa, pai, como você não sabe disso!!* Comemos em pratos descartáveis para não ter que lavar a louça. Outras duas amigas de Tiffany, Colleen e Trea, chegaram com uma garrafa de champanhe. A ideia era que as três se encontrassem com Julia em Stanford. Elas disseram: *Vem com a gente*. Respondi: *Se eu fosse, seria engraçado*. Eu seria a mais velha lá. Tomei banho cantando. Vasculhei pilhas de meias à procura de uma calcinha, achei um triângulo gasto de tecido pontilhado de bolinhas em um canto. Coloquei um vestido cinza-chumbo justo. Um colar de prata pesado com pedrinhas vermelhas. Um cardigã bege com grandes botões marrons. Eu me sentei no meu tapete marrom e amarrei o cadarço das botas cor de café com o cabelo ainda molhado preso em um coque.

O papel de parede da nossa cozinha tem listras azuis e amarelas. Há

armários de madeira pelo cômodo e um relógio antigo pendurado na parede; o batente da porta está marcado com nossas alturas ao longo dos anos (um desenhinho de sapato do lado para marcar as vezes em que não estávamos descalças). Abrindo e fechando as portas dos armários, não encontramos nada além de uísque; na geladeira, os únicos ingredientes que poderíamos acrescentar aos drinques eram leite de soja e suco de limão. Só tínhamos copinhos de shot das viagens que fazíamos em família, *Las Vegas* e *Maui*, que Tiffany e eu guardávamos para nossos bichos de pelúcia. Bebi o uísque sem diluir, sem peso na consciência, sem arrependimentos, como quem diz: *Claro que vou ao bar mitzvah do seu primo, contanto que esteja bêbada.*

Pedimos à nossa mãe que nos levasse a Stanford — sete minutos de carro pela Foothill Expressway. Stanford era meu quintal, minha comunidade, um terreno fértil para os professores particulares baratos que meus pais haviam contratado ao longo dos anos. Cresci naquele campus, participei de acampamentos de verão nos gramados, saí escondida dos refeitórios com os bolsos cheios de nuggets de frango, jantei com professores que eram pais de grandes amigos meus. Minha mãe nos deixou perto da livraria da universidade, onde ela nos levava nos dias de chuva para tomar chocolate quente e comer madeleines.

Caminhamos por cinco minutos e descemos a pequena ladeira até um casarão rodeado de pinheiros. Um cara com uma leve penugem no bigode nos deixou entrar. Na cozinha da fraternidade, encontrei uma máquina de refrigerante e suco e comecei a apertar os botões, inventando uma bebida não alcoólica que chamei de suco de dingleberry. *Saindo agora le drinque dingleboobo para a senhorita! Rá, Rá o dia todo.* As pessoas começaram a chegar. As luzes se apagaram.

Paramos atrás de uma mesa perto da porta de entrada feito um comitê de boas-vindas, estendemos os braços e cantamos: *Bem-vindos, bem-vindos, bem-vindos!!!* Vi como as meninas entravam, a cabeça meio baixa, com um sorriso tímido, vasculhando a sala atrás de um rosto familiar. Eu conhecia aquela expressão porque já havia me sentido daquele jeito. Na faculdade, uma fraternidade era um reino exclusivo, pulsando com barulho e energia, onde os mais jovens baixavam a

cabeça e os machos maiores comandavam. Depois da faculdade, uma fraternidade era um ambiente nojento e de embriaguez, com copos plásticos espalhados, onde era possível ouvir as solas dos sapatos descolando do chão pegajoso, o ponche tinha gosto de solvente e havia mechas de cabelo preto coladas na borda dos vasos sanitários. Achamos uma garrafa plástica de vodca na mesa. Eu a abracei como se tivesse descoberto água no deserto. Deus do céu. Eu me servi de um copo e virei a dose na hora. Todos estavam esmagados uns contra os outros nas mesas, andando a passos curtos, como pequenos pinguins. Eu estava sozinha em uma cadeira, os braços para cima, feito uma alga marinha bêbada, até minha irmã me escoltar para baixo. Saímos para fazer xixi nos arbustos. Julia e eu começamos a improvisar um rap. Fiz uma rima sobre pele seca, mas travei quando não consegui pensar em nada que rimasse com *Cetaphil*.

O porão estava lotado, e pessoas se amontoavam sob a esfera de luz no pátio de concreto. Ficamos perto de uns caras brancos baixinhos, que usavam boné virado para trás e tomavam cuidado para não queimar o pescoço, num ambiente fechado, à noite. Tomei um gole de uma cerveja morna, disse que tinha gosto de xixi e a entreguei a minha irmã. Eu estava entediada, tranquila, bêbada e extremamente cansada, a menos de dez minutos de casa. Eu já tinha enjoado daquilo. É nesse momento que minha memória some, que o filme acaba.

Até hoje, acredito que nada do que fiz naquela noite seja importante, a maior parte, lembranças descartáveis. Mas esses acontecimentos seriam incansavelmente repetidos, milhares de vezes. O que fiz, o que falei, tudo seria totalmente dissecado, medido, calculado e apresentado ao público para avaliação. Tudo porque, em algum lugar daquela festa, ele estava lá.

\*\*\*

Estava muito claro. Ao piscar, vi manchas marrons de sangue no dorso das minhas mãos. O curativo na mão direita já estava soltando; o adesivo, desgastado. Eu me perguntei quanto tempo eu estava ali,

deitada em uma maca estreita com grades de plástico em ambos os lados, feito um berço para adultos. A parede era branca; o chão, polido. Algo abriu um corte profundo no meu cotovelo, esparadrapo enrolado com força demais, a pele do meu braço inchada ao redor. Tentei cutucar ali embaixo, mas meu dedo estava grosso demais. Olhei para a esquerda. Dois homens me encaravam. Um afro-americano mais velho, de jaqueta vermelha de Stanford, e um branco de uniforme preto da polícia. Desfoquei o olhar e eles se tornaram um quadrado vermelho e um quadrado preto encostados na parede, braços às costas, como se estivessem lá havia algum tempo. Voltei a focar neles. Os dois exibiram a expressão que faço quando vejo um idoso descer um lance de escada: tensa, esperando uma queda a qualquer momento.

O policial perguntou se eu estava me sentindo bem. Quando se debruçou sobre mim, seus olhos não vacilaram, não se enrugaram em um sorriso, se mantiveram perfeitamente redondos e imóveis, dois pequenos lagos. Sim, eu não deveria estar?, pensei. Virei a cabeça de um lado para outro, procurando minha irmã. O homem de casaco vermelho se apresentou a mim como reitor de Stanford. *Qual é o seu nome?* A concentração deles era preocupante. Eu me questioneei por que não haviam perguntado à minha irmã, ela devia estar ali em algum lugar. *Eu não sou aluna, estou só de visita, falei. Meu nome é Chanel.*

Por quanto tempo dormi? Devo ter ficado bêbada demais e cambaleado até o prédio mais próximo do campus para dormir. Será que tinha rastejado? Como havia ralado as mãos? Quem fizera aquele curativo vagabundo de kit de primeiros socorros? Talvez estivessem um pouco irritados, mais uma garota bêbada para tomar conta. Era constrangedor, na verdade. Eu estava velha demais para aquilo. De qualquer forma, eu os dispensaria, agradeceria pela maca. Examinei o corredor, imaginando qual porta seria a saída.

Os dois perguntaram se havia alguém para quem pudessem ligar para avisar que eu estava ali. Ali onde? Dei a eles o número da minha irmã e vi o homem de casaco vermelho se afastar, levando a voz da minha irmã para outra sala, onde eu não pudesse escutar. Cadê meu celular? Comecei a tatear à minha volta, esperando encontrar um

retângulo rígido. Nada. Eu me repreendi por tê-lo perdido, teria que voltar para procurá-lo.

O delegado se virou para mim. *Você está no hospital e tudo leva a crer que foi abusada sexualmente*, disse ele. Assenti devagar. Que homem sério! Devia estar confuso... Eu não havia conversado com ninguém na festa. Será que precisava ser liberada? Eu não tinha idade suficiente para sair sozinha? Imaginei que alguém entraria e diria: *Policia! ela está pronta para ir*, e eu o cumprimentaria e iria embora. Queria pão e queijo.

Senti uma pressão forte na bexiga; precisava fazer xixi. Pedi para usar o banheiro e ele exigiu que eu esperasse, porque talvez fosse necessário coletar uma amostra de urina. Por quê?, pensei. Fiquei deitada, segurando a bexiga. Por fim, me deixaram ir. Quando me sentei, notei que meu vestido cinza estava enrolado em minha cintura. Eu vestia uma calça verde-menta. Eu me perguntei onde havia arranjado aquilo e quem tinha amarrado o cordão da calça com um laço. Timidamente, fui até o banheiro, aliviada por estar longe dos olhares dos dois. Fechei a porta.

Com os olhos semicerrados, abaixei a calça nova e tentei tirar a calcinha. Meus polegares roçaram as laterais das coxas, tocando a pele, não encontrando nada. Estranho. Repeti o movimento. Passei as mãos pelos quadris, esfreguei a palma das mãos pelas coxas, como se ela pudesse se materializar. Esfreguei sem parar até gerar calor, e então minhas mãos pararam. Não olhei para baixo, fiquei apenas ali, paralisada, um pouco agachada. Cruzei as mãos na barriga, meio curvada, imóvel, incapaz de me sentar, incapaz de me levantar, a calça embolada na altura das canelas.

Sempre quis saber por que sobreviventes entendem outros sobreviventes tão bem. Por que, por mais que os detalhes dos nossos ataques variem, sobreviventes podem olhar uns nos olhos dos outros e entender sem que ninguém precise explicar. Talvez não sejam os detalhes do ataque que tenhamos em comum, mas o momento seguinte; a primeira vez em que somos deixados sozinhos. Algo escapa de nós. Para onde fui. O que foi tirado. É o terror engolido pelo

silêncio. Uma desconexão com o mundo em que subimos para cima e descemos para baixo. Esse momento não é de dor, nem de histeria ou de choro. Mas das suas vísceras virando pedras frias. Uma confusão absoluta se misturando com a consciência do que aconteceu. O luxo de crescer lentamente acabou. Assim começa um despertar brutal.

Eu me sentei na privada. Algo cutucava meu pescoço. Toquei a nuca, senti uma textura áspera por baixo do cabelo embaraçado. Tinha saído rapidinho da casa. Será que folhas haviam caído das árvores? Tudo parecia errado, mas por dentro senti uma calma anestesiante. Um oceano escuro e sem ondas, calmo e vasto. O terror estava presente — eu o sentia se movendo, abrindo caminho entre meus órgãos, molhado, turvo e pesado —, mas, na superfície, via apenas uma marola. O pânico chegaria como um peixe, rompendo rapidamente a superfície, saltando no ar, mergulhando de novo em seguida, trazendo a calmaria de volta. Eu não conseguia entender como havia acabado em um quarto estéril, em um banheiro, sem calcinha, sozinha. Não ia perguntar ao policial se ele sabia onde minha calcinha tinha ido parar, porque parte de mim entendeu que eu não estava pronta para ouvir a resposta.

Uma palavra me veio à mente: *tesoura*. O policial tinha usado uma tesoura para cortar minha calcinha por causa dos germes vaginais que precisam ser examinados, só por precaução. Já tinha visto aquilo na TV, paramédicos cortando roupas. Eu me levantei, percebi que havia terra no chão. Passei a mão pela calça e dei um laço na cordinha. Hesitei na pia, sem saber se podia lavar o sangue. Portanto, mergulhei a ponta dos dedos no pequeno fluxo, tocando a água com a palma das mãos e preservando as manchas escuras do dorso.

Voltei para o quarto tão calma quanto antes, sorrindo educadamente, e subi de novo na maca. O reitor disse que minha irmã havia sido informada do meu paradeiro e me entregou seu cartão de visita. *Me avise se precisar de alguma coisa*. Ele saiu. Fiquei segurando o cartãozinho. O delegado me informou que o prédio do Sart só abriria na manhã seguinte. Eu não sabia que prédio era esse, só entendi que deveria voltar a dormir. Eu me deitei de costas, mas a situação me

pareceu fria e estranha, nós dois sob a luz forte. Eu me senti grata por não estar sozinha, mas desejei que ele fosse ler um livro ou saísse para comprar uma bebida. Não conseguiria dormir enquanto estivesse sendo observada.

Uma enfermeira apareceu, olhou para mim e imediatamente se virou para o policial. *Por que não deram um cobertor a ela?* O policial disse que tinha me dado uma calça. *Bem, vá pegar um cobertor! Por que ninguém deu um cobertor para ela? Ela está deitada ali sem cobertor!* Eu a vi gesticular loucamente, exigindo mais, inflexível sobre a necessidade de eu estar aquecida, sem medo de pedir. Deixei aquilo se repetir em minha cabeça: *Alguém vá pegar um cobertor para ela.*

Fechei os olhos novamente, dessa vez me aconchegando no cobertor quente. Estava pronta para deixar aquele sonho confuso, acordar na minha cama, sob o edredom floral e a luminária de papel de arroz, com minha irmã dormindo no quarto ao lado.

Alguém me sacudiu com cuidado. Abri os olhos sob a mesma claridade, o mesmo cobertor. Uma senhora de cabelo dourado vestindo jaleco branco estava de pé, e duas outras esperavam atrás dela. As três sorriam para mim como se eu fosse um recém-nascido. O nome de uma das enfermeiras era Joy, que significa alegria em inglês. Achei que aquilo era um bom sinal do universo. Eu as segui pela porta até um estacionamento pequeno. Eu me senti como uma rainha molambenta, o cobertor arrastando atrás de mim feito uma capa de veludo, rodeada por minhas aias. Olhei para o céu numa tentativa de descobrir que horas eram. Será que já estava amanhecendo? Entramos em um prédio de um andar, vazio. Elas me levaram até um escritório. Eu me sentei em um sofá com minha pilha de cobertores. Notei que a lombada das pastas de uma prateleira estava identificada como Sart. Em hidrocor preto, abaixo da sigla, estava escrito Sexual Assault Response Team [Equipe de resposta a abuso sexual].

Então era isso. Eu não era nada além de uma observadora, dois olhos enraizados em um cadáver bege com um ninho de cabelo castanho. Naquela manhã, eu observaria agulhas prateadas perfurarem minha pele e cotonetes ensanguentados surgirem do meio das minhas

pernas, mas nada me provocaria um sobressalto, um tremor ou um suspiro. Meus sentidos tinham parado de funcionar e meu corpo era um manequim sem reações. Só entendi que as moças de jaleco branco eram pessoas em quem eu deveria confiar, então obedeci a todos os comandos e sorri quando sorriram para mim.

Uma pilha de papéis foi colocada na minha frente. Meu braço escapou dos cobertores para assiná-los. Se me explicaram a que eu estava consentindo, não percebi. Papéis e mais papéis, de todas as cores, roxo-claro, amarelo, tangerina. Ninguém explicou por que minha calcinha havia sumido, por que minhas mãos sangravam, por que meu cabelo estava sujo, por que eu estava vestindo uma calça esquisita, mas as coisas pareciam estar indo bem, e imaginei que, se continuasse assinando e assentindo, eu sairia daquele lugar limpa e arrumada. Escrevi meu nome na parte inferior da folha, uma grande volta para o C e três perninhas para o M. Parei quando vi as palavras **Vítima de estupro** em negrito no topo de um documento. Um peixe pulou da água. Fiquei imóvel por um instante. Não, não estou de acordo em ser vítima de estupro. Se assinasse aquela linha, era isso que eu me tornaria? Se me recusasse a assinar, poderia continuar sendo eu mesma?

As enfermeiras foram preparar a sala de exames. Uma garota se apresentou como April, uma representante do Sart. Ela usava moletom e legging, tinha um cabelo que parecia divertido de desenhar, um amontoado de cachos rabiscados preso em um rabo de cavalo. Gostei do nome dela assim como gostei de Joy: abril era um mês de chuva leve, época em que os copos-de-leite florescia. Ela me deu um punhado de mingau de aveia com açúcar mascavo em um copo de plástico, que comi com uma colher de plástico branca. A garota parecia mais nova do que eu, mas cuidou de mim como uma mãe, continuou me incentivando a beber água. Eu me perguntei como ela havia acordado tão cedo em um domingo. Eu me perguntei se aquele era um dia normal para ela.

Ela me entregou uma pasta laranja. *Isto é para você.* Dentro havia maços de cópias em preto e branco sobre transtorno pós-traumático,



grampos retorcidos e listas complicadas com números de telefone. Um panfleto retratando uma garota com um piercing na sobrancelha, muito angustiada, muito incomodada. Em letras de forma roxas, dizia: VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA. NÃO É CULPA SUA! O que não é culpa minha? O que eu não fiz? Desdobrei uma brochura em papel: “Reações à tragédia.” A primeira categoria informava: *De 0 a 24 horas: estupor, tontura, medo não identificado, choque.* Balancei a cabeça, a semelhança impressionante. A categoria seguinte dizia: *Duas semanas a seis meses: esquecimento, exaustão, culpa, pesadelos.* A categoria final era: *Seis meses a três anos ou mais: isolamento, gatilhos de memória, pensamentos suicidas, incapacidade de trabalhar, abuso de substâncias, dificuldades de relacionamento, solidão.* Quem tinha escrito aquilo? Quem havia mapeado um futuro ameaçador naquele pedaço de papel horroroso? O que eu deveria fazer com aquela linha do tempo criada por um estranho infeliz?

*Você gostaria de usar meu celular para ligar para sua irmã? Pode dizer a ela que estará pronta em algumas horas.* April estendeu o aparelho. Torci para que Tiffany ainda estivesse dormindo, mas ela atendeu imediatamente. Conheço os tipos de choro dela: sei quando bateu o carro ou não encontrou algo para vestir ou um cachorro morreu na TV. Aquele choro soou diferente, como pássaros batendo as asas dentro de uma caixa de vidro, caos. O som fez meu corpo inteiro enrijecer. Minha voz ficou regular e fraca. Senti meu sorriso.

*Tiffy!, falei. Não conseguia entender o que ela estava dizendo. Isso só acalmou minha voz, suavizando a dela. Cara, tomei café da manhã de graça! É, estou bem! Não chore! Eles acham que alguma coisa aconteceu, não, nem sabem se é verdade ainda, é só precaução, mas é melhor eu ficar aqui um pouco, está bem? Você poderia me buscar daqui a algumas horas? Estou no hospital de Stanford. A estagiária deu um tapinha no meu ombro, sussurrando: San Jose. Você está no Centro Médico do Vale de Santa Clara. Eu a encarei, sem entender direito. Ah, me desculpe, estou em um hospital em San Jose, avisei, pensando: Estou a quarenta minutos de carro de casa, em uma cidade diferente? Não se preocupe!, falei. Ligo de novo quando estiver pronta!*

Perguntei a April se ela sabia como eu havia chegado ali.

*Ambulância.* De repente fiquei preocupada, não tinha como pagar por aquilo. Quanto custaria o exame? As folhas de pinheiro continuavam espetando meu pescoço como pequenas garras. Tirei uma samambaia afiada e avermelhada do cabelo. Uma enfermeira que passava gentilmente me instruiu a não mexer em nada porque ainda precisavam fotografar minha cabeça. Coloquei-a de volta como se fosse um grampo. A sala de exames estava pronta.

Eu me levantei e notei pequenas pinhas e folhas de pinheiro espalhadas pelas almofadas. De onde aquilo estava saindo? Quando me inclinei para pegá-las, meu cabelo se desenrolou por cima do ombro, derrubando ainda mais plantas no piso limpo. Eu me ajoelhei embaixo dos cobertores e comecei a formar uma pilha pequena com os pedaços de folhas mortas. *Vocês querem isso?*, perguntei, exibindo-os com a mão aberta. *Posso jogar fora?* Elas disseram para eu não me preocupar com aquilo, para deixá-los ali. Coloquei-os de volta no sofá, envergonhada pela bagunça que estava fazendo, rastros descuidados sobre a mobília e o chão imaculados. A enfermeira me confortou com uma voz melodiosa: *São apenas a flora e a fauna, a flora e a fauna.*

Duas enfermeiras me levaram a uma sala fria e cinza, com um espelho grande, iluminada pela luz da manhã. Elas pediram que eu me despisse. Aquilo me pareceu um exagero. Não entendi por que precisava revelar minha pele, mas minhas mãos começaram a remover as roupas antes de minha mente aprovar o pedido. *Escute-as.* Elas abriram um saco de papel branco e coloquei meu sutiã bege de alças desgastadas dentro. O vestido cinza foi para outro saco e nunca mais foi visto. Algo sobre análise de sêmen. Quando tudo se foi, fiquei nua, mamilos olhando de volta para mim, sem saber onde colocar os braços, querendo cruzá-los. Elas pediram que eu ficasse parada enquanto fotografavam minha cabeça de ângulos diferentes. Sempre que ia tirar foto, eu estava acostumada a ajeitar o cabelo, jogando-o para o lado, mas tive medo de tocar o emaranhado. Eu me perguntei se deveria sorrir e mostrar os dentes, para onde deveria olhar. Quis fechar os olhos, como se assim pudesse me esconder.

Uma enfermeira tirou uma régua de plástico azul do bolso. A outra

segurou uma câmera preta pesada. *Para medir e documentar as escoriações*, explicou. Senti o látex da ponta dos seus dedos rastejar sobre minha pele, a ponta gelada da régua na lateral do meu pescoço, da minha barriga, das minhas nádegas, das minhas coxas. Ouvi cada clique, a lente preta de uma câmera pairando sobre cada pelo, arrepio, veia, poro. Minha pele sempre havia sido minha maior fonte de preocupação, desde que começara a ter eczema quando criança. Mesmo quando minha pele sarava, eu sempre a imaginava manchada e descolorida. Fiquei paralisada, ampliada pela lente. Mas enquanto as duas se debruçavam sobre mim e me rodeavam, suas vozes gentis me distraíram do meu diálogo interno. Elas cuidaram de mim como os pássaros da Cinderela, as fitas métricas e os laços nos bicos, esvoaçando ao redor e tirando as medidas para o vestido.

Eu me virei para ver o que elas estavam fotografando e vislumbrei um arranhão vermelho em minha bunda. O medo fechou meus olhos e me fez voltar a cabeça para a frente. Normalmente, sou muito crítica em relação ao meu corpo: *Seus peitos são muito separados. Dois saquinhos tristes de chá. Seus mamilos apontam para direções diferentes, como os olhos de uma iguana. Seus joelhos não têm cor, são quase roxos. Sua barriga é mole. Sua cintura é muito larga e retangular. Para que ter pernas compridas, se não são esbeltas*. Mas, enquanto estava completamente nua sob a luz, essa voz se evaporou.

Encarei meus olhos no reflexo enquanto elas continuavam se levantando, se abaixando, girando. Ergui a cabeça, estiquei o pescoço, pus os ombros para trás, relaxei as pernas. A luz da manhã se derreteu em meu colo, nas curvas das orelhas, na clavícula, nos quadris, nas panturrilhas. *Olhe este corpo, a bela elevação dos seus seios, a forma do seu umbigo, as pernas longas e bonitas*. Eu era uma paleta de tons quentes e arenosos, um vaso brilhante naquela sala de jalecos brancos e luvas verde-água.

Finalmente fomos liberadas para começar a limpar meu cabelo. Nós três retiramos as folhas de pinheiro uma a uma, colocando-as em uma sacola branca. Senti os puxões dos pedaços sendo tirados, uma pontada aguda quando chumaços eram arrancados do couro cabeludo. Fomos

*image  
not  
available*

perguntas eram para me distrair. Sabia que a conversa fiada era um jogo, uma encenação em que eu tinha os momentos certos para falar. Para além da conversa, as mãos delas se moviam com urgência, a borda circular da lente observava a cavidade entre minhas pernas. Outra câmara microscópica deslizou para dentro de mim, exibindo as paredes internas da minha vagina em uma tela.

Percebi que as mãos enluvadas delas me impediam de cair em um abismo. O que quer que estivesse rastejando pelas minhas entranhas seria arrastado para fora pelos tornozelos. Elas eram uma força que me protegia e até me fazia rir. As três não podiam desfazer o que havia sido feito, mas podiam gravar, fotografar cada milímetro, selar em sacolas, forçar alguém a analisar. Nenhuma delas suspirou ou teve pena ou me fez passar por *coitadinha*. Não confundiram minha submissão com fraqueza, por isso não senti necessidade de provar nada, de mostrar que eu era mais do que aquilo. Elas sabiam. Ali não havia a menor brecha para vergonha. Então, relaxei o corpo e o entreguei a elas, enquanto minha mente pairava pelo fluxo leve de conversa. Por isso, quando me lembro daquele momento com elas, o desconforto e o medo ficam em segundo plano. O sentimento principal foi de acolhimento.

Elas terminaram horas depois. April me levou até uma espécie de barracão plástico encostado na parede. Cada centímetro ali estava repleto de suéteres e calças de moletom, empilhados uns sobre os outros, esperando novos donos. *Para quem são?*, me perguntei. Quantas de nós tínhamos entrado e ganhado roupas novas com uma pasta cheia de folhetos? Todo um sistema tinha sido criado porque sabiam que haveria inúmeras outras como eu: *Bem-vinda ao clube, aqui está seu uniforme novo. Na pasta, você vai encontrar diretrizes que descrevem cada etapa do trauma e da recuperação, que pode levar a vida inteira.* A estagiária sorriu e disse: *Você pode escolher a cor que quiser!* Como se fossem coberturas de frozen yogurt. Escolhi um moletom branco casca de ovo e uma calça azul.

Agora só me restava tomar banho. O detetive estava a caminho. Fui levada de volta para o quarto frio e cinza, dessa vez reparando no

*image  
not  
available*

Eu disse que não. *Então, ninguém tinha permissão para tocá-la em lugar nenhum.* A expressão de pesar dele foi como se já soubesse a resposta. Senti meu corpo enrijecer. Falei: *Eles o pegaram ontem à noite, não foi? Estava tentando fugir?*

Ele respondeu: *Então agora só precisamos ter certeza de que é a pessoa certa, ou seja, de que essa era a pessoa que estava fazendo algo com você ou tentando fazer algo com você. Hum, mas alguém estava agindo de um jeito meio estranho com você. Jeito meio estranho. Estou tentando ser cuidadoso ao dizer que essa é a pessoa certa. De acordo com o código penal, podemos prender alguém com base em uma causa provável, já que estupro é crime. Então podemos prender alguém com base em uma causa provável por acreditar que um crime tenha ocorrido. Mesmo que não tenha ocorrido.*

Ele dava a entender que algo grave havia acontecido, mas cada frase era finalizada com a possibilidade de eu nunca ter sido tocada. *Mesmo que não tenha ocorrido. Fazendo ou tentando. Espero que nada. Jeito meio estranho.* Eu estava com cada pé em um mundo diferente: um onde nada havia acontecido, outro onde eu podia ter sido estuprada. Percebi que ele omitia informações porque a investigação ainda estava em andamento. Talvez ele também tenha visto que meu cabelo pingava e que eu estava usando as roupas erradas. Talvez estivesse pensando na minha irmã, que estava prestes a chegar.

O detetive Kim disse que talvez no dia seguinte eu me lembrasse de mais coisas, por isso me deu seu cartão. Assenti, mas sabia que havia contado a ele tudo que eu tinha para contar. Ele explicou que eu poderia pegar meu celular na delegacia naquela noite. Atrás dele, minha irmã apareceu, curvada, com uma expressão esgotada. A vítima em mim desapareceu quando me tornei a irmã mais velha. No fim da gravação da minha entrevista, dá para ouvi-la chegar:

Eu disse: *Oi.*

*Ai, meu Deus.*

*Oi.*

*Ai, meu Deus.*

*Eu sinto muito.*

*Ah.*

*image  
not  
available*



animavam. Mas, quando chegamos, senti vergonha das minhas roupas e pedi que passássemos pelo drive-thru. Pedimos hambúrgueres e paramos para comer. Dei uma mordida, mas não senti o gosto do molho. Embrulhei o resto na embalagem e o coloquei aos meus pés. Já havia enrolado por tempo suficiente. Àquela altura, sabíamos que a casa estaria vazia: papai estaria resolvendo alguma coisa, mamãe estaria com amigos; as rotinas normais de domingo.

Meu pai é um terapeuta aposentado, que trabalhava seis dias por semana, doze horas por dia, ouvindo pessoas. Todo o dinheiro que nos rendeu uma casa e nos alimentou veio do meu pai ajudando pessoas a superarem histórias que nunca ouviremos. Minha mãe é uma escritora que publicou quatro livros em chinês, o que significa que não consigo ler os livros dela. Por mais próximos que meus pais sejam, desconheço grande parte da vida deles.

Após duas décadas em um consultório particular, meu pai disse que já tinha ouvido todas as histórias que podíamos imaginar. Por ter crescido durante a Revolução Cultural na China rural, minha mãe viu todas as atrocidades que alguém poderia ver. Ambos entendem que a vida é ampla e confusa, que nada é preto no branco, que não existe uma trajetória linear e, no final das contas, é um milagre simplesmente acordar de manhã. Eles se casaram no único centro cultural chinês de Kentucky, um casal atraente e improvável.

Nenhum dos nossos móveis combina. Nossas toalhas não são macias e brancas, mas desgastadas, com desenhos do Scooby-Doo. Quando recebemos convidados para o jantar, Tiffany e eu escondemos todos os livros, bolas de basquete murchas e amostras de creme até que a casa fique impecável. Nosso objetivo é imitar o brilho das casas dos nossos amigos. Mas, depois, é como se a casa desabotoasse a calça, soltasse a barriga, e todas as nossas coisas reaparecem.

Minha casa é um lugar onde tudo cresce e todos os exageros são perdoados, onde qualquer pessoa é bem-vinda a qualquer hora do dia. Minha família é formada por quatro planetas que orbitam no mesmo pequeno universo. Se tivéssemos um slogan, seria: “Sinta-se à vontade para fazer o que quiser.” Nossa casa não é convencional. Nossa casa é

*image  
not  
available*

de tela de tudo, sem saber que seriam arquivadas como provas. Ela me deu a oportunidade de fazer perguntas. De acordo com as transcrições, eu disse: *Hum, falaram que aconteceu alguma coisa comigo. Eu não entendi o que isso significa direito. Na verdade... continuo sem entender.*

Ela disse que ainda não dispunha de todas as informações sobre o caso. Explicou que fui *encontrada por dois alunos de Stanford* e não disse mais nada. Então perguntei por que o homem tinha fugido. Ela me disse que havia sido *porque tinha alguma coisa errada*. Eu estava tentando me lembrar da cena do crime, me aproximar da comoção de viaturas de polícia estacionadas e da fita amarela. Mas toda vez que avançava um passo, ela entrava na minha frente. Quando eu dava um passo à direita, ela me acompanhava. Estiquei o pescoço para tentar ver o que estavam escondendo, mas não adiantava, era local proibido. Eu tinha que ficar atrás de alguma linha invisível.

Mas eu percebi uma coisa. Sempre que eu entrava em algum lugar, o clima mudava. As expressões das pessoas se fechavam, elas falavam em voz baixa. Elas me abordavam com cuidado, como se eu fosse um animal que não queriam assustar. Examinavam meu rosto em busca de algo, e eu olhava de volta sem transparecer nada. E todos se diziam impressionados ao ver como eu estava bem. Ela disse: *Devo dizer, você está muito calma, está muito... Você é sempre assim?* Assenti, disse que, quando minha irmã mais nova estava presente, eu segurava minhas emoções. Ainda assim, eles pareciam perplexos com minha postura; senti que, dadas as circunstâncias, eu deveria estar reagindo de forma completamente diferente, e aquilo me deixou nervosa.

Expliquei que não tinha contado aos meus pais. *Isso é compreensível*, respondeu ela. *Sabe, você está tentando, acho que está tentando poupar seus pais emocionalmente... até conseguir... entender melhor o que aconteceu e o que houve.* Ela foi muito gentil, validou meus sentimentos, mas desviou de todas as minhas perguntas.

Antes do fim do depoimento, deixei duas coisas claras:

1. Ninguém deveria entrar em contato com meus pais até eu

*image  
not  
available*

## 2.

Palo Alto tem fileiras de magnólias repletas de flores brancas, caixas de correio azuis e laranjas como bolinhas bem redondas penduradas nas árvores. Com a média de temperatura na casa dos vinte graus, dá para sentir o aroma do sol cozinhando os pedaços de casca de eucalipto caídos no chão. Há pontinhos de sombra em gramados impecáveis, cães de língua cor-de-rosa. Ruas sem saída com casas no estilo Eichler, portões de garagem de madeira, bordos japoneses. As calçadas são bem pavimentadas, as crianças vão de bicicleta para a escola, e os adultos, para o trabalho; todo mundo tem diploma e recicla o próprio lixo.

Eu trabalhava em uma *start-up* criando aplicativos educacionais para crianças, em um escritório de uma sala só com outras onze pessoas, as mesas amontoadas, algumas salas de reunião isoladas por paredes de vidro. Eu estava lá havia seis meses, meu primeiro emprego depois da faculdade. Tinha criado um projeto de vida adulta, acordando mais cedo, saindo menos à noite. Registrava reuniões e aniversários no calendário do Google, repleto de abas em lavanda e tangerina. Encomendei cartuchos de impressão, comprei uma bicicleta branca elegante — que chamei de Tofu — com meu primeiro salário. Tentei diminuir o número de pontos de exclamação em meus e-mails formais.

Não havia espaço para palavras como *estupro*, *vítima*, *trauma*, *escoriações* e *advogados* no mundo que eu estava tentando construir. Eu tinha um banco de palavras próprio: *Prius*, *planilhas*, *iogurte grego*, *crédito imobiliário*, *viagens a Napa*, *melhorar a postura*. Meu projeto de vida adulta podia não passar de uma maquete, mas, mesmo com a estrutura frágil, era importante para mim.

*Como foi seu final de semana?*, perguntou meu colega de trabalho. *Sua irmã se divertiu aqui?* Eu havia ido à festa no sábado. Ao hospital e à delegacia no domingo. Pato laqueado na segunda. *Sim, foi divertido.*

*image  
not  
available*

acontecido. Eu nem existia na frase. Absorvi a palavra *tentativa*. O homem à espreita não devia ter conseguido. Ele deve ter me visto desmaiada, me olhado de maneira suspeita e alguns caras o tiraram de cima de mim. Parte de mim ficou grata, mas outra parte ficou triste. É só isso? Uma frase pequena, fácil de esquecer, escondida entre relatos de pequenos furtos. Se era assim que os estupros reais eram reportados, quantos eu teria deixado passar? Naquela manhã, acreditei que aquela seria a única notícia que meu caso ganharia, uma única frase que cabia em um biscoito da sorte.

Mais tarde, eu estava em minha mesa, tomando uma caneca de café e escolhendo sanduíches para pedir de almoço. Cliquei nas notícias da página inicial e vi *atleta de Stanford*, vi *estupro*, vi *mulher inconsciente*. Cliquei de novo e minha tela foi preenchida por dois olhos azuis e uma fileira de dentes retos, sardas, gravata vermelha, terno preto. Eu nunca tinha visto aquele homem. *Brock Turner*. Li que ele havia recebido cinco acusações: *estupro de pessoa embriagada*, *estupro de pessoa inconsciente*, *penetração sexual por corpo estranho em mulher embriagada*, *penetração sexual por corpo estranho em mulher inconsciente*, *agressão com intenção de estupro*. Muitas palavras misturadas. Li outra vez, mais devagar. Digitei no Google: o que é um corpo estranho. O pânico foi lento e silencioso. O termo foi definido como um “objeto introduzido em local onde não deveria estar, como em um corpo humano ou máquina”. Os exemplos incluíam: “um grão de poeira nos olhos, farpas, lascas de madeira, anzóis, vidro”. O que havia sido introduzido em mim?

O artigo mencionava que a vítima havia sido penetrada digitalmente. Minha mente voltou-se para câmeras digitais. Pesquisei aquilo também. *Digital*, do latim *digitalis*, de *digitus*: “dedo, dedo do pé.” Ele deve ter dedado a moça, eu. O Google finalmente me fez sentar e ouvir a notícia. Eu me encolhi na cadeira de rodinhas, ouvindo o barulho dos teclados, alguém enchendo a garrafa de água. Olhei para aquele homem enquanto ele sorria para mim. Eles me disseram que fui encontrada desmaiada com um homem em cima de mim. Ninguém nunca tinha dito: *O homem foi encontrado dentro de você*.

*image  
not  
available*



*um excelente aluno e atleta. É muito trágico, ele é maravilhoso, maravilhoso... Parei de ler. Por que ele era excelente, excelente, maravilhoso, maravilhoso? Minha colega de trabalho estava me fazendo uma pergunta. Algo sobre o Twitter. Um professor tuitou, o que o professor tuitou? Já vou ver,* respondi. Ver o quê, eu não sei. Ela me agradeceu, mas também não sei pelo quê.

As notícias tinham um link para um relatório policial. Cliquei nele e fui rolando a página, procurando por vítima, vítima, vítima. Encontrei as anotações do delegado cuidadosamente escritas. Encontrei *a mulher, mais tarde identificada como VÍTIMA. Encontrei no chão atrás da lixeira. Encontrei usando um vestido preto justo. Encontrei com o vestido levantado até a altura dos quadris e enrolado próximo à cintura. Suas nádegas estavam totalmente descobertas e ela não estava usando calcinha. Encontrei o abdome inferior e a região pubiana expostas. Encontrei a vagina e as nádegas dela. Encontrei o cabelo comprido despenteado, emaranhado e cheio de folhas de pinheiro. Encontrei deitada em uma posição com os pés e as pernas flexionados em um ângulo entre quarenta e cinco e noventa graus (posição fetal) e seus braços estavam na frente do peito, com as mãos no chão, perto do rosto. Encontrei o vestido dela estava esticado sobre os ombros, o sutiã puxado para cima. Encontrei o sutiã cobrindo apenas o seio direito. Encontrei o colar puxado para trás, com o pingente no meio das costas. Encontrei uma calcinha branca de bolinhas pretas embolada no chão, a cerca de quinze centímetros da barriga da VÍTIMA. Encontrei iPhone prateado no chão atrás de suas nádegas. Havia uma capa de celular azul a aproximadamente dez centímetros do iPhone. Encontrei ela ainda estava de botas marrons com os cadarços amarrados em um laço.*

Vi o primeiro comentário no fim do artigo: *O que uma pessoa formada estava fazendo numa fraternidade?* Não entendi. Tínhamos lido a mesma matéria? Fechei a notícia. Decidi então que não era verdade, que nada daquilo era real, porque eu, Chanel, estava sentada no escritório, e o corpo que estava sendo despedaçado em público não me pertencia. Suponho que tenha sido nesse momento que Emily Doe nasceu, eu, mas não eu, e subitamente a odiei, não queria aquilo, sua nudez, sua dor. Era Emily, tudo aquilo havia acontecido com Emily.

*image  
not  
available*

correndo para levar os passageiros para o trabalho a tempo. Como era perturbador ver os vagões deslizarem de maneira tão casual e contínua, as rodas batendo nos trilhos do cruzamento em que pessoas haviam morrido.

★ ★ ★

Por isso, naquela manhã de janeiro de 2015, ler a história do ataque em Stanford no jornal foi como ler uma carta impessoal e direta: *É com pesar que informamos*. Só que não se tratava de uma morte nos trilhos, mas de um estupro triste e estranho em um campus da vizinhança, um corpo encontrado despido e desgrenhado. Daquela vez, era o meu nome.

Olhei para fora e vi o sol brilhando, patos nadando na lagoa, todos trabalhando. Fiquei sentada, imóvel, à minha mesa, como fiquei sentada, imóvel, na sala de aula tantos anos antes. Sabia que voltaria ao trabalho na manhã seguinte, da mesma forma que os vagões retornavam aos trilhos, da mesma forma que, depois de saber de uma morte, pegávamos o livro e continuávamos a aula. Quaisquer alarmes que surgiram em meu corpo foram silenciados, o horror se tornou distante. Meus olhos umedeceram, eu choraria escondida, mas sabia que faria o que sempre fizera: me desconectaria, seguiria em frente.

Quando voltei do trabalho naquela noite, estacionei do lado de fora da minha casinha rosa. Admirei as pedrinhas do jardim, as luzes cintilantes, as folhas cerosas cor de jade. Pensei nas duas pessoas ali dentro, minha mãe e meu pai, que não sabiam que a vítima morava sob aquele teto. Imaginei os dois pensando em suas rotinas noturnas: meu pai tirando as moedas dos bolsos, minha mãe cortando anéis de cebola, e quis preservar a paz deles.

Meus pais são protetores. Quando éramos crianças, se alguma coisa de errado acontecesse, eles sempre davam um jeito de nos preservar. Minha irmã e eu logo descobrimos que os dois tinham discussões sérias enquanto passeavam com os cães. Eles saíam à noite, andando de braços dados, sacos plásticos enfiados nos bolsos. Tiffany e eu os

*image  
not  
available*

novamente. Essa era a única maneira de concluir a jornada, escapar do inverno e chegar a lugares mais quentes. Eu havia passado duas semanas batendo asas, mantendo uma expressão calma, para proteger meu bando das condições climáticas brutais. Mas a resiliência exigia descanso. Pelos oito meses seguintes, eu iria recuar. A coisa mais importante que eu deveria lembrar era que estar na retaguarda, ser mais lento, não significava não ser um líder.

No dia seguinte, havia uma torta de limão na bancada ao lado de um bilhete. De manhã bem cedo, enquanto eu dormia, meu pai havia colhido limões no quintal, os misturado a açúcar e ovos no fogão, apertado toda a borda e polvilhado com açúcar. Levei a torta para o trabalho para dividir com meus colegas. Eu me sentei à mesa com uma fatia amarelada e abri o navegador.

*Nadador de Stanford nega suposto estupro.* Quase engasguei. Senti que tinha levado um soco no peito. O artigo continha um aviso, pois essa versão dava detalhes mais gráficos. Fechei o aviso e cliquei no relatório policial, os olhos pulando de um lado para outro. “Durante a noite, TURNER ficou com algumas garotas.” Na matéria, todas as pessoas que ele havia beijado foram chamadas de *meninas*, mas eu, que tinha sido agredida por ele, jamais fui chamada de *menina*, apenas de *vítima*. “Ele afirmou que beijou a VÍTIMA enquanto ela estava no chão. Tirou a roupa de baixo da VÍTIMA e tocou na vagina dela. Também tocou nos seios da VÍTIMA.” Eu não conseguia comer a torta, minha testa quente, as coxas pressionadas uma na outra com força, segurando o garfo com firmeza. Quando foi preso, a polícia tinha notado uma “protuberância entre as pernas” de Brock.

“TURNER não conhece a identidade da VÍTIMA. Nem chegou a saber o nome dela e não foi capaz de descrevê-la. Afirmou que provavelmente não reconheceria a vítima se a visse novamente.” Na cabeça dele, eu não tinha rosto nem nome. Mas o artigo afirmava que tínhamos nos “conhecido em uma festa”, como se a atração tivesse sido mútua e envolvido conversas cordiais.

“Ele estava se divertindo com a VÍTIMA e afirmou que ela também parecia estar gostando.” Gostando. Olhei para aquela palavra, um

*image  
not  
available*

acontecera.

A raiva que ganhou força e rugiu em meu peito a manhã toda tinha se apagado, restando só algumas brasas em minha garganta. Fechei o computador, relaxei na cadeira. Eu me perguntei como, em um instante, minha identidade havia sido reduzida a uma mulher inconsciente e estuprada. Uma pessoa que jamais seria um modelo de vida; na melhor das hipóteses, uma história que serviria de alerta. Se alguém descobrisse, eu sabia que seria minha desgraça pública, que me marcaria para o resto da vida. Aquela parte de mim tinha que ser amputada. Passei por toda aquela confusão, por aqueles obstáculos novos, pelo futuro incerto e pela identidade manchada para me tornar Emily. Minhas costelas estremeceram quando respirei na superfície da água, enquanto me libertava das vozes gentis que diziam: *Jubjub, ridículo*.

No dia seguinte, eu estava em um café. Vi uma pilha de jornais, um retângulo azul brilhante na primeira página. Era uma piscina. Vi as linhas brancas dos braços de Brock, óculos escuros e a touca na cabeça. Havia retângulos azuis espalhados nas mesas ao meu redor, Brock nadando pelo estabelecimento. Um homem de camisa polo com um pescoço largo se sentou e abriu o jornal. Olhei em volta, me perguntando se aquelas eram as pessoas que haviam comentado na notícia, se eu deveria me ressentir delas, temê-las, questioná-las.

Pedi a minha irmã que não lesse os comentários. Eu disse a ela que a maioria das pessoas não havia passado nem dois minutos lendo as matérias e, as que tinham lido, entenderam tudo errado. Aquela era apenas uma pequena amostra da população. Se parássemos as pessoas para perguntar cara a cara, receberíamos respostas muito mais sensatas e empáticas. Então não os leia, ok? Quem se importa?

O que eu quis dizer, na verdade, foi que eu estava investigando todos os comentários para que ela não precisasse fazer isso. É claro que tenho que ler isso, *são minhas mensagens*, pensei. Tratei as seções de comentários como a caixa de e-mail pessoal de Emily. Eu checava todas as noites e digeriria todas as mensagens destrutivas. Quando escreveram: *Por que ela saiu de vestido no inverno?* Respondi: *Inverno na*

*image  
not  
available*



molhado, o pescoço molhado. Senti as laterais da minha garganta arranharem e deixei tudo sair, sabendo que aquela pessoa nunca me veria e que eu nunca a veria, mas pelo menos alguém estava ouvindo.

Quando falou, ela pareceu preocupada. E ouvi aquelas palavras novamente: *Não é culpa sua*. Ela continuou repetindo-as, como um mantra. Senti uma irritação abrir caminho. Culpa dele, culpa dela. Com que rapidez as vítimas devem começar a lutar, a converter sentimentos em lógica, se familiarizar com o sistema jurídico, a intrusão de estranhos, o julgamento implacável? Como eu protejo minha vida? Dos detetives? Dos repórteres? Eu tinha sido munida de uma promotora para enfrentar essa batalha, mas ninguém sabia me dizer como conter toda aquela hostilidade, toda aquela tristeza destruidora. Eu estava sozinha, minha história agora selada dentro de mim, uma moça sem rosto me alimentando com banalidades pelo telefone.

*image  
not  
available*

genialidade. Estávamos sempre recebendo caixas na porta de casa, e eu a via tirar casualmente prêmios chineses de literatura do meio das bolinhas de isopor, como se desempacotasse peras da mercearia. Eu podia conversar com ela sobre morte, amor, filmes estrangeiros, temas universais que transcendiam culturas. Mas, sobretudo, se estivesse preocupada comigo, ela preparava uma tigela de macarrão maior do que minha cabeça, ou tocava minhas têmporas e dissipava meu estresse com a ponta dos dedos.

Alaleh queria ter uma noção do meu histórico. Se eu morava em Palo Alto, se estava trabalhando, qual era minha relação com bebidas? Expliquei que tinha estudado no campus de Santa Barbara da Universidade da Califórnia. Percebi que já estava na defensiva, ciente de que minha faculdade era conhecida pelas festas. Afirmei que tinha bebido na faculdade, principalmente em reuniões com os alunos de literatura, pessoas que liam poemas em cima de uma escada, em pequenas comemorações em salas de estar com o tema “David Bowie”. Eu namorava um garoto chamado Lucas e, sim, já tinha apagado antes. Eu me vi divagando, sem saber o que tentava explicar. Queria que ela visse que eu era normal: que bebia, claro, mas que não gostava de ser penetrada enquanto estava inconsciente. Ela disse que entendia, que também tinha feito faculdade.

Meu pai começou a fazer perguntas, e ouvi sua frustração transparecer. Ele exibia uma expressão irritada e exasperada, a mesma de quando nossos voos se atrasavam. *Quero dizer, que tipo de cara, como ele pôde, eu simplesmente não entendo, não seria um tanto ridículo se, você não pode me dizer de fato se isso vai dar em alguma coisa.* Alaleh confirmou a incredulidade dele, *sem dúvida, é lamentável como essas coisas, sei que é difícil, felizmente temos muitas, é melhor esperar para ver,* mas ela também sugeriu que aquilo seria apenas o começo, que nada era previsível. Mais tarde eu descobriria que ela já havia se encontrado com o advogado de defesa de Brock, que garantira que seu cliente receberia uma contravenção penal por perturbação da paz. A guerra já havia sido declarada, mas eu não sabia.

Percebi que sabia muito pouco sobre o processo e que tinha

*image  
not  
available*

formatura, houve um tiroteio na minha faculdade, com muitas poças vermelhas de sangue. No mesmo fim de semana, ele estava em um barco, em um lago azul cintilante. Descobri que a lacuna entre uma violência surreal e a vida cotidiana era muito tênue. Fomos jogados em universos distintos: meu lado subitamente escuro, e o dele, claro. Começamos a brigar, ou melhor, eu gritava ao telefone enquanto ele ficava cada vez mais mudo. Quando chegamos em casa em Palo Alto, após a formatura, a torre ruiu e os blocos se espalharam.

Claro, eu já tinha ouvido falar de corações partidos nas músicas, mas puta merda. Esse sentimento deveria ter um nome. Deixa mesmo a gente sem ar. Como existir sem aquela pessoa? Enquanto eu era protegida por ele, me sentia corajosa, amada. Saí daquele abrigo solteira, com vinte e dois anos, ingênua e faminta. O espaço deixado para trás era cavernoso, e prometi a mim mesma que ia preenchê-lo.

Lembro que as pessoas sempre me diziam *há outros peixes no oceano* e eu respondia: *Óbvio, é lá que eles moram*. Mas ele era uma espécie rara de peixe-leão, que eu havia perdido. O que fazer quando perdemos alguém ou quando esse alguém decide nos perder? Passei por anchovas, garoupas indigestas e acarás pomposos para substituí-lo. Sexo sempre tinha sido uma coisa carinhosa, sagrada e monogâmica. Mas naquele verão aprendi que poderia ser algo escorregadio, desleixado. Enrugado. Vazio de sentimentos. Rápido como um piscar de olhos. Terrivelmente chato. Só isso e nada mais. Por ser uma jovem recém-apresentada ao mundo, percebi que tinha um poder. Ou ao menos foi assim que encarei, enquanto me deixava consumir, ser totalmente engolida, pelos peixes.

Naquele verão, não falei sobre o tiroteio, não falei sobre perdê-lo. Consegui um emprego em um restaurante chinês por dez dólares a hora e fui treinada para empacotar arroz em embalagens para viagem. Minha bebida preferida era o AFDP azul brilhante, abreviação para *Adeus Filho da Puta*. Eu dizia *adeus* e, na manhã seguinte, minha amiga afirmava que eu havia chorado incontrolavelmente, a ponto de assustá-la, eu tinha me sentado na borda da banheira, me balançando para a frente e para trás, falado comigo mesma: *Você está bem, Chanel, você está*

*image  
not  
available*

disse ele. *Bom, dois caras impediram*, respondi. *Acham que ele só me dedou. Não lembro, mas o cara fugiu. Eles o pegaram.* Eu ainda não sabia como contar minha história. Sorri. Como aquilo deve ter parecido assustador, como eu queria parecer tranquila.

*Eu sabia*, disse ele, *eu sabia, tive um mau pressentimento, deveria ter ficado no telefone com você. Você estava sozinha, eu deveria ter ficado no telefone com você, eu não sabia o que fazer.* Balancei a cabeça para discordar, não tinha sido por causa disso. Eu queria me dissolver ao observar as notícias o afogarem. Ele ficou quieto por bastante tempo. *Não vou deixar que nada de ruim aconteça com você*, disse. Aquilo era impossível, mas naquele momento me permiti acreditar. Encostei a cabeça no peito dele, e ele continuou olhando para a frente. Passamos horas e horas daquele jeito, colados um no outro durante a tarde tranquila, o sol brilhando lá fora sem a gente, o dia inteiro tomado.

Ele podia ter ido embora, percebido que não conseguiria aguentar. Mas ele abriu caminho até a dor e ficou ali, grudado. *Não importa o que aconteça, eu vou estar aqui.* Mais tarde, ele me dizia que havia lido os relatórios policiais na viagem de volta para a Filadélfia, ficara enjoado, soltara o cinto de segurança e seguira pelo corredor para vomitar na pia minúscula do banheiro. Eu o imaginei naquele banheiro pequeno, a porta sanfonada, a fila de pessoas esperando do lado de fora enquanto ele colocava imagens do meu corpo para fora do dele. Amar alguém é doloroso.

Há pouco tempo, perguntei a ele sobre tudo isso, depois de enumerar a sequência caótica de eventos de como nos conhecemos e tudo que se seguiu. *Por que você se dispôs a continuar namorando comigo, com tudo aquilo acontecendo?* Ele disse: *Por causa de você.* Eu retruquei: *É, mas e o estupro, as bebedeiras, tudo isso?* Ele respondeu: *É, mas e você?*

\*\*\*

No fim de fevereiro, fui chamada à delegacia antes do trabalho. O detetive Kim disse que o objetivo deles era *analisar meu relacionamento*. Parei o carro no estacionamento, a névoa ainda pairando sobre os

*image  
not  
available*



estresse; não era uma distração, era uma varredura da minha mente. Eu esquecia o que estava fazendo, meu humor acabava pelo resto do dia.

A conta do hospital chegou, pouco menos de mil dólares. Meu pai me chamou na sala, perguntou se eu sabia alguma coisa sobre um possível reembolso. Conteí sobre a restituição que a justiça obrigaria Brock a pagar, mas apenas no final do processo. O valor seria devolvido, prometi a ele. Mas me perguntei quantos custos se acumulariam. Percebi que era caro ser violentada.

Outra carta chegou na minha casa com o carimbo do tribunal do Condado de Santa Clara. Perguntava se eu queria que Brock fizesse teste de HIV e fornecia um formulário para que eu preenchesse. Eu não sabia, será que deveria? Ele ficaria bravo comigo? Saberá que tinha sido eu quem havia solicitado? Vocês não podem fazer essas coisas sem me perguntar? Nunca respondi. Quando um amigo veio me visitar, rapidamente tirei a carta da minha mesa. Minha maneira de lidar com a situação era não lidar com a situação, jogar fora as cartas que chegavam, me recusar a pesquisar sobre o processo.

Meu kit de estupro ainda não havia sido examinado pelo laboratório forense. Eles me disseram que o processo seria acelerado por causa da pressão da mídia, mas meses depois eu continuava esperando. Achei que tinha algo a ver com os resultados que saíam lentamente, alguma coisa científica de DNA sabe-se lá do quê. Mas fiquei sabendo que a culpa era dos vários kits a serem analisados. Havia centenas na minha frente na fila, alguns kits já tinham até mofado, outros foram jogados fora, os sortudos foram refrigerados. Na hora tive vontade de vomitar. Como podia ser assim? Não eram frutas apodrecendo, eram pequenos pedaços de nós, uma história indispensável. Isso também significava que havia uma população de vítimas na minha vizinhança, camufladas na vida cotidiana, indo para o trabalho, fazendo café, os olhos arregalados à noite, esperando.

Na maioria das noites, eu evitava ir para casa depois do trabalho, receosa de perguntas tão simples quanto: *Como foi seu dia?* Em vez disso, estacionava o carro no centro da cidade e percorria o caminho de árvores iluminadas na University Avenue, buscando conforto na

*image  
not  
available*

Chang-rae Lee e Carlos Bulosan. Eu dormia na biblioteca. Aprendi xilogravura, passei noites na sala de artes esculpindo blocos de linóleo, enchendo frascos de tinta, manchando meu avental, vendo o sol nascer. Quando escrevia, quando desenhava, o mundo desacelerava e eu esquecia tudo que existia fora dele.

Na minha infância, minha mãe chegou a viajar por semanas para retiros de escritores. Eu me lembro claramente desses períodos porque meu pai servia as mesmas ervilhas enlatadas, frango e arroz dia após dia, enquanto esperávamos que ela voltasse para casa. Por fim, dirigíamos por colinas desconhecidas para a abertura de uma galeria em uma floresta, os adultos com roupas esvoaçantes e batom, torradinhas com aquelas bolinhas de peixe laranja-neon minúsculas, que me faziam engasgar. Minha mãe nos contava como escrevia a manhã toda, caminhava à tarde, os carrapatos grudando em suas meias. Como você pode nos trocar por insetos chupadores de sangue e caviar?, eu pensava. Certa vez perguntei por que tinha viajado, e ela respondeu: *Quero ser quem sou*. Era impossível argumentar contra isso.

Em Palo Alto, eu começava a sentir intensamente que não estava me encaixando em meus velhos padrões, em quem eu era ou pensava que seria. Queria um lugar onde pudesse criar, um canto do mundo onde pudesse desaparecer. Escolhi o menor estado dos Estados Unidos, o mais longe possível da Califórnia, para morar com pessoas que eu nunca tinha visto. A aula de escrita de livros infantis estava lotada, mas não importava. Eu ia largar meu emprego para me matricular em uma oficina de gravura, *From Light to Ink*, a cinco mil quilômetros, na Escola de Design de Rhode Island, durante o verão. A mulher da secretaria se chamava Joy, assim como a enfermeira. Interpretei isso como um bom sinal. Meus pais fizeram as perguntas de sempre: *É seguro, você tem certeza, o que vai fazer quando voltar?* Mas eles entenderam. Até então, eu já tinha economizado o suficiente para pagar as mensalidades, o aluguel e as passagens. Supus que o processo terminaria até o fim do ano, e minhas economias durariam até lá. Quando escrevi meu nome no formulário de inscrição, assinei o cheque e lacrei o envelope pardo, me deitei no tapete, exausta. Meu

*image  
not  
available*

loja de materiais para artesanato, pegando as coisas e olhando os adesivos de preço. Eu não havia considerado os materiais da aula no meu orçamento.

Na aula seguinte, o professor pediu que o seguissemos até a câmara escura. Ele nos mostrou como usar o ampliador, encaixar o suporte do negativo, girar o disco até a lente certa, expor as tiras de teste com a emulsão para cima, revelar o filme, dar banho interruptor na foto, usar o fixador e lavá-lo. Como colocar a emulsão de transparência no centro de uma placa fotográfica positiva e expô-la dentro de uma base aspirada, desengordurar a placa, polvilhá-la com resina, entalhá-la, mergulhá-la em ácido nítrico; como chanfrar as bordas, posicionar a chapa na prensa, misturar a tinta, molhar o papel, secá-lo, ajustar a pressão. E, por fim, como girar a roda e retirar as gravuras novas do bloco, colocando-as com cuidado na prateleira de secagem. Depois de horas de demonstração, uma única gravura nasceu.

Observei atentamente, na ponta dos pés, atrás dos meus colegas de turma, anotando tudo. No fim, não fazia ideia do que havia acontecido. Tinha me perdido quarenta e cinco passos antes. Os alunos começaram a esboçar ideias. Eu me sentei no banquinho, olhando para meus rabiscos de letras minúsculas que pareciam trilhas de formigas mortas por toda a página. Quando finalmente fomos liberados, desci correndo a escada e saí do prédio.

Na terceira aula, eu estava ainda mais perdida e com vergonha de fazer perguntas como *O que é uma toalha de gaze?*. Eu almoçava sozinha. Jantava sozinha. Já tinha estragado uma placa litográfica fotográfica ao levá-la para uma sala onde havia luz solar. Todo mundo estava ambientado, passando de estação em estação com segurança, preparando materiais. Eu ficava atrás, tentando ver o que estavam fazendo. Quando a aula terminou, fui à secretaria. Acho que cometi um erro, preciso de outra aula. Era tarde demais para trocar. Assenti.

Abri o Google Maps no telefone e encontrei a faixa azul-clara de um rio. Andei sem parar até encontrá-lo, depois andei sem parar pelas margens. Por fim, desabei em um gramado e chorei. Não sabia o que estava fazendo. Nem sabia o nome do rio à minha frente. Tinha me

*image  
not  
available*

*acompanhar você.* Enquanto os pés dele acompanhavam meu ritmo, apenas fiz que não com a cabeça, segurando com força as alças da mochila, esperando que ele ficasse para trás. Alguns homens se ofendiam por eu não responder, e um deles até chegou a dizer *Só quero que seu dia comece bem.* Mas os elogios não pareciam elogios quando minha linguagem corporal demonstrava que eu não queria que me olhassem, não queria que falassem comigo. Não soavam como presentes quando eram jogados na minha direção ou sussurrados para que apenas eu ouvisse. Todo comentário podia ser traduzido como *Gostei do que vi e quero para mim.* Mas eu não quero, eu não quero, pensei.

Imagine andar pela rua comendo um sanduíche e ouvir alguém dizer *Nossa, esse sanduíche parece delicioso, pode me dar um pedaço?* Você pensaria: Por que eu deixaria você comer esse sanduíche? É meu. Então continuaria caminhando e comendo, e eles diriam *Como assim? Você não vai dizer nada? Não precisa ficar brava, eu só estava tentando elogiar seu sanduíche.* Digamos que isso aconteça três vezes ao dia: desconhecidos parando você na rua, dizendo quanto sua comida é boa, perguntando se podem dar uma mordida. E se as pessoas começassem a gritar do carro quanto desejam seu sanduíche? *Deixe eu provar!*, exclamariam elas, buzinando. Você teria que dizer *Desculpe, não, obrigada* todas as vezes? Você se sentiria obrigada a explicar milhares de vezes que não quer dividir o sanduíche porque é seu almoço e você não conhece aquelas pessoas? Que você não deve nada a elas? Que, na verdade, é meio absurdo que estejam pedindo aquilo? Você só quer andar na rua comendo o sanduíche em paz. Talvez eu esteja piorando o caso ao comparar o corpo de uma mulher a um sanduíche, mas dá para entender aonde quero chegar?

Comecei a filmar discretamente com o celular todas as vezes em que passava por grupos de homens. Mandei um dos vídeos para Lucas. *Com que frequência isso acontece?*, perguntou ele. *Todo dia*, respondi. Ele me perguntou se eu precisava de um carro, disse que pagaria se eu alugasse um. Falei que eu gostava de caminhar; era a única maneira de se observar tudo. Além disso, eu tinha tempo de sobra e nunca estava

*image  
not  
available*



Homens tinham limites que outros homens não ultrapassavam, respeitavam o espaço subentendido um do outro. Imaginei uma linha grossa desenhada ao redor de Lucas. Os homens falavam comigo como se não houvesse linha nenhuma. Todos os dias eu era obrigada a erguer essa barreira o mais rápido possível. Por que meus limites não eram inerentes?

Continuei indo ao estúdio todos os dias. Passei a gastar mais dinheiro em materiais e deixei de gastar comendo fora, aderindo às pizzas de micro-ondas e aos legumes crus. Às vezes passava horas trabalhando, mas minhas gravuras acabavam saindo escuras, fracas ou manchadas. Eu começava de novo. Não pensava no tempo. Folheava minhas anotações até não precisar mais delas.

Certa noite, saí do estúdio perto do horário do pôr do sol, mas o sol se pôs mais rápido do que eu esperava. Eu estava a alguns quarteirões de casa, passando pelo brilho rosa-neon da loja de bebidas, quando um homem em um carro prateado encostou. Agora não, pensei. Não estou a fim. Ouvi a janela baixar. *Quer uma carona?* Ele sorria como se seu pequeno Chevrolet com cor de embalagem de chiclete fosse uma carruagem dourada. Estava muito animado, como se estivesse encontrando uma amiga querida que não via fazia muito tempo. Eu não conseguia acreditar na vastidão daquele sorriso, tão confiante. Comecei a filmar, dei três passos longos na direção do carro dele, debruçando-me na janela e enfiando a cabeça para dentro. No vídeo, dá para me ouvir perguntando: *O que foi que você disse?* Convidando-o a repetir para que eu pudesse filmar. Ele respondeu: *Entre, posso lhe dar uma carona!*

ENTRAR NO SEU CARRO VOCÊ ESTÁ MALUCO PORRA POR QUE EU FARIA ISSO, respondi. Minha voz soou tão insana e aguda que mal a reconheci. VAI SE FODER, falei. Eu me lembro da rapidez com que o sorriso dele evaporou, feito uma gota d'água no asfalto quente, e com a mesma rapidez ele virou o volante e acelerou. Ótimo!, pensei. Mas meu corpo começou a tremer com toda aquela adrenalina. Fui tremendo até a faixa de pedestres. Olhei para os carros parados, tentando fazer contato visual com os motoristas. Se ele